

## **A Pandemia: um olhar teológico**

**Dênis Cândido da Silva \***

### **Resumo**

A pandemia do novo coronavírus tem levado a humanidade a repensar o sentido de sua existência e o seu modo de viver e conviver e também de crer. O período pandêmico que nos assola tem desconstruído critérios que eram utilizados tanto para a organização individual quanto coletiva da humanidade. A Igreja, que também está inserida no mundo, sofre os impactos provocados pela pandemia. O nosso modelo eclesial também foi abalado fortemente por essa pandemia. O presente artigo tem como objetivo fazer uma leitura teológica da pandemia da covid-19 e quais os desafios pastorais que tal acontecimento mundial provoca na vivência da fé eclesial.

**Palavras-chave:** Pandemia. Igreja. Pastoral. Sociedade. Deus.

### **Abstract**

The Coronavirus Pandemic has brought the human race to its knees! We are forced to rethink the meaning of our presence on Earth, to review our way of living as individuals and community, and even more our own beliefs. The devastating pandemic period we are going thru has undermined the basic criteria of individual and collective social patterns of behavior. The Church embedded in the world has been affected by this devastating

---

\* Presbítero da Diocese de Luz. Atualmente é Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte, MG.

pandemic. The ecclesiastic structures also have been deeply shaken and became inappropriate and irrelevant. The purpose of this article is to offer a theological reading of this Coronavirus Pandemic and identify the pastoral challenges in the context of this world event for the Church's life and mission.

**Keywords:** Pandemic. Church. Pastoral. Society. God.

## **Introdução**

A pandemia do novo coronavírus tem se apresentado como a questão mais importante de nosso século até o momento. Esse acontecimento inesperado é visto como um divisor de águas na existência humana. Existia um mundo antes da pandemia e existirá outro depois da pandemia. Será que realmente podemos sonhar com um novo mundo e uma nova humanidade pós-pandemia? A pandemia nos apresentou um diagnóstico difícil de aceitarmos: ou mudamos ou morremos. Não é possível insistirmos em um estilo de vida extremamente destrutivo. O mundo não suporta mais esse jeito humano de consumir e destruir. A humanidade se tornou um peso para o planeta e precisamos mudar essa realidade. É necessário nos reconciliarmos com o planeta terra e implorarmos perdão e misericórdia a toda obra criada.

Nesse contexto profundamente desafiador a Igreja e outras instituições se veem profundamente questionadas. Qual é a relevância da mensagem cristã numa cultura que não prioriza a vida? A pandemia é uma janela histórica que se abre convidando a humanidade a um discernimento e um novo existir.

A crise da covid-19 agravou crises que já nos afetavam fortemente. Ao lidarmos com um vírus que colocou o outro como uma possível ameaça, descobrimos outros vírus letais que dominavam a nossa existência e o nosso modelo de produzir e consumir. A pandemia nos coloca a todos diante da difícil tarefa de uma conversão urgente e tomar consciência de que a maneira como vivemos cotidianamente afeta positivamente ou negativamente a existência de toda a humanidade. A grande questão é: estamos conseguindo ver e ouvir essa necessidade urgente e profunda de conversão que a pandemia está nos impondo? Ou ainda continuaremos a negar tal gravidade? Dessa forma, percebemos que a crise que por hora nos afeta, não é somente pandêmica, é também antropológica e ecológica.

É possível ler a pandemia do novo coronavírus de várias perspectivas. É possível uma leitura científica, filosófica, antropológica e até mesmo teológica. O presente artigo pretende fazer uma leitura teológica da pandemia, buscando pensar além dos desafios eclesiais e pastorais

impostos à Igreja nesse contexto. A pandemia é um convite a uma autoleitura crítica de nossa vida eclesial e até mesmo de nossa profissão de fé. Assim como a sociedade e a humanidade, a Igreja precisa também olhar esse momento pandêmico como uma oportunidade de repensar o seu sentido eclesial e pastoral de estar no mundo.

## **1. A indiferença, um vírus que se fortalece**

Estamos falando de pandemia e de coronavírus há mais de um ano. Todos os dias somos invadidos por notícias, estatísticas, sofrimento, descaso de autoridades etc. Aos poucos a pandemia começa a fazer parte de nosso dia a dia. Os números que até então nos causavam pânico, medo e ansiedade, já não nos incomodam tanto. Aprendemos a conviver com as perdas e com os boletins diários. A pandemia causou uma quebra em nosso cotidiano. A convivência com esse vírus e com a morte que ele provoca começou a fazer parte de nossa existência. Na maioria de nossas casas, tem alguém faltando, há um lugar vazio na mesa. Até onde é possível nos acostumar a algo que até então não fazia parte de nossa vida?

O filósofo sul-coreano Byung Chul Han, define a sociedade atual como sociedade paliativa:

A sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização [*wegzuoptimieren*]. Ela não é compatível com o desempenho. A passividade do sofrer não tem lugar na sociedade ativa dominada pelo poder (Können). Hoje se remove à dor qualquer possibilidade de expressão. Ela é, além disso, condenada a calar-se. A sociedade paliativa não permite avivar, verbalizar a dor em uma paixão (HAN, 2021, p.13)

Segundo Byung, a sociedade contemporânea, por ser uma sociedade do desempenho, é conseqüentemente uma sociedade do cansaço, é uma sociedade do "excesso de positividade", que não tem tempo a perder se compadecendo com o sofrimento de ninguém. Desempenho é dinheiro e lucro para essa sociedade. Na sociedade paliativa, o eu tem primazia sobre o outro. O primordial é a minha sobrevivência e não a sobrevivência do outro.

Dessa forma, a crise do coronavírus acentuou ainda mais a indiferença que já existia entre nós. Há uma perda enorme de empatia e compaixão. A pandemia não tem nos tornado mais sensíveis. Na perspectiva de Byung, "a sociedade paliativa elimina o outro como dor. O outro é coisificado em um objeto. O outro como objeto não dói" (HAN, 2021, p. 100). Se eu não vejo o outro como sujeito, eu não o percebo como

alguém que sente, ou como alguém que sofre. “Se o outro é roubado de sua alteridade, ele se deixa, então, apenas consumir” (HAN, 2021, p.101). Assim, a dor se torna um produto a ser consumido, um entretenimento, algo que eu posso curtir (*like*) ou até mesmo debochar. O sujeito na sociedade paliativa é impermeável ao sofrimento. Ele fará de tudo para não sofrer. “A arte de sofrer a dor se perdeu inteiramente para nós” (HAN, 2021, p. 41). O sofrimento não nos toca mais. Somos uma sociedade *touch*, que não se deixa tocar. Tudo é superficial. O Papa Francisco já nos lembrava a respeito de uma globalização da indiferença: “vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada”. (FRANCISCO, 2020, p. 30).

O homem contemporâneo que está inserido nessa “sociedade paliativa”, perdeu em sua grande maioria a capacidade de se compadecer, de se colocar no lugar do outro e de se preocupar com o mesmo. “O vírus é o espelho de nossa sociedade” (HAN, 2021, p. 33). Tudo é contabilizado em dados, estatísticas, números que não nos afetam. Há uma estética do sofrimento. O prejuízo da bolsa de valores, causa mais pânico do que os mais de 500 mil mortos no Brasil, por exemplo<sup>1</sup>. Assim, segundo Byung, “em tempos de pandemia, a dor dos outros fica ainda mais distante. Ela se dissolve em números de casos. Os seres humanos morrem solitários em estações intensivas, sem qualquer atenção humana” (HAN, 2021, p. 100). No meio dessa pandemia, diante de tantas mortes, estamos percebendo que a nossa empatia também agoniza.

## 2. E Deus, onde está?

Como vivemos em uma sociedade indiferente, corremos o sério risco de pensarmos que também Deus é indiferente à toda a humanidade. Quando o sofrimento nos visita, somos invadidos por várias perguntas: Para quê? Qual é o propósito desse sofrimento? Qual é o sentido de tudo isto? Dentre as várias perguntas que assolam a nossa consciência, uma em especial tem sido constante nessa pandemia: onde está Deus em tudo isto? De uma maneira muito abrupta e sem nenhum processo de maturação passamos a levantar várias hipóteses que possam justificar o nosso sofrimento. Para um número considerado de pessoas, a pandemia da covid-19 é um castigo por causa de nossos abusos, por causa de nosso egoísmo, por causa dos gays, ou até mesmo por causa de possíveis zombarias provocadas no último carnaval.

Segundo Halík:

Compreender a linguagem de Deus, nos eventos do nosso mundo, exige a arte do discernimento espiritual, que, por sua vez, exige um desapego contemplativo das nossas emoções e dos nossos

---

<sup>1</sup> O Brasil chegou no dia 19 junho de 2021 à marca de 500 mil mortos provocados pela covid 19. Segundo dados do ministério da saúde, a primeira morte pela doença no país ocorreu no dia 17 de março de 2020.

preconceitos cada vez mais fortes, bem como da projeção que damos aos nossos medos e aos nossos desejos (HALÍK, 2020, p. 8).

As tragédias por vezes, trazem à tona a ideia de um Deus punitivo, castigador e que acompanha nosso sofrimento sem reagir. Um “Deus cineasta” (HALÍK, 2020, p. 8). Tal ideia de Deus gera ansiedade e medo. Um Deus assim não merece crédito. O Deus revelado em Jesus é um Deus compassivo e misericordioso, incapaz de ser indiferente ao sofrimento da humanidade.

Diante do mistério da dor e do sofrimento, somos chamados a olhar o tempo presente de uma maneira contemplativa e silenciosa. No centro de nossa fé cristã está um crucificado. Isso tem muito a nos dizer. Não é fácil olhar profundamente para a cruz. Não é agradável olhar um “Deus ferido”, carregado de sofrimentos. A cruz de Cristo é o maior paradoxo que conhecemos. Contemplamos na cruz ao mesmo tempo, a derrota e a vitória, a dor e o amor, a morte e a vida eterna, o inferno e o céu. Segundo o teólogo tcheco Tomáš Halík, “na cruz, morrem as nossas ideias ingênuas sobre Deus” (HALÍK, 2020, p. 92). A pandemia deveria ser uma oportunidade para deixarmos morrer as ideias ingênuas que acompanham a nossa fé.

O Deus que nós cristãos cremos não vai nos tirar da cruz. Por mais que peçamos. Olhar para o crucificado é ter essa consciência: Deus não nos tira da cruz. Se Deus não tirou o seu próprio Filho da cruz, também não vai nos tirar de nossas cruces, de nossos sofrimentos. Existir dói, precisamos ter consciência disso. “Deus deixa o seu Filho passar pela noite escura da fé: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (HALIK, 2020, p. 93). Quando Jesus se sente totalmente abandonado pelo Pai e dá grito a esse abandono, nesse momento, ele conhece profundamente a sua e a nossa humanidade. É na cruz que a humanidade de Jesus se revelou totalmente. E é na cruz, que Deus também compreende o drama do sofrimento humano. A angústia de Jesus na cruz é a nossa própria angústia.

No auge de seu sofrimento, mesmo Jesus gritando: “meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?”, ele se depara com um profundo silêncio. Jesus, que conhecia tão profundamente o amor do Pai, sente por um instante o doloroso silêncio do Pai. O Pai que o acompanhou durante toda a sua vida, de repente, na cruz se mostra tão impotente e tão silencioso. Talvez o nosso grande problema seja suportar o silêncio de Deus diante de nosso sofrimento. Só na manhã de domingo, que o Pai quebrará o silêncio. “O grito de Jesus parece, à primeira vista, uma expressão de desespero. No entanto, Jesus exprime esta experiência extrema com uma pergunta: Porque me abandonaste?” (HALIK, 2020, 94). O Pai abandona seu Filho na cruz e nesse abandono o Pai experimenta a sua própria cruz. Dessa forma, Deus sofre silenciosamente em cada um de nós.

No profundo silêncio e abandono do Pai, quando o seu grito não encontra resposta nenhuma, Jesus não deixa de acreditar. Nessa pandemia,

muitas e muitas vezes nossas orações se tornaram perguntas profundamente angustiosas: Por que tanto sofrimento? Por que tanta morte? Por que tanta dor? A mesma pergunta de Jesus é a nossa, e o Pai que ouviu silenciosamente o grito de seu Filho ouve também o nosso. Deus nos ouve no mais profundo silêncio. “Não nos esqueçamos que a pergunta dolorosa de Jesus se dirige a Deus - é, portanto, uma oração. Também nós podemos dar às nossas perguntas a forma de uma oração e às nossas orações a forma de perguntas” (Halík, 2020, p. 94). Nessa pandemia, diante de tanto sofrimento, temos o direito de rezar através de nossas perguntas.

Em uma de suas homilias em Santa Marta, o Papa Francisco disse que:

O Senhor consola sempre na proximidade, com verdade e na esperança. Na proximidade, nunca distante: estou aqui. Que bonita expressão: estou aqui. Estou aqui, convosco. E muitas vezes em silêncio. Mas sabemos que Ele está presente. Ele está sempre presente. A proximidade que é o estilo de Deus, também na Encarnação, significa que Ele está próximo de nós. O Senhor consola na proximidade. E não usa palavras vazias; aliás prefere o silêncio. A força da proximidade, da presença. Fala pouco, mas está próximo (FRANCISCO, 2020, p. 21).

O silêncio de Deus não significa ausência de Deus. O Deus que Jesus nos revela é o Deus que está conosco em todos os momentos de nossa vida. Professar a fé no Cristo supõe também suportar grandes silêncios de Deus.

### **3. Onde o sofrimento nos toca?**

Os Evangelhos nos mostram que Jesus é o mestre do toque. É praticamente impossível compreender Jesus sem a dimensão do toque. Contudo, no tempo de Jesus a maioria das enfermidades exigiam também “distanciamento social”, sobretudo, as doenças de pele como a lepra. “O toque de Jesus cura porque é o toque de Deus, daquele Deus que se fez homem por amor a nós, para tocar e partilhar em tudo a nossa condição humana e para nos transmitir o dom da salvação que vem dele” (FORTE, 2020, p. 36).

O sofrimento provocado pela pandemia da covid 19 não é somente o sofrimento físico, mas é também um sofrimento social. A expressão do toque é a inclusão. Jesus, ao tocar os enfermos, devolvia-lhes a dignidade que por vezes a enfermidade lhes privava. A pandemia é uma oportunidade de tocar o sofrimento humano e ser tocado por ele.

Para o teólogo tcheco Tomás Halík, “Deus se esconde nas chagas de nosso tempo”, nomeadamente entre os marginalizados e os mais pobres, naqueles que a “sociedade do desempenho” descarta e a “sociedade

paliativa” finge que não existem. “O mundo está cheio de chagas e Cristo identifica-se com os feridos e os sofredores” (HALÍK, 2020, p. 113). Diante de uma sociedade cada vez mais indiferente, não podemos desviar o nosso olhar de nenhum sofrimento. Uma Igreja que não se deixa tocar pelo sofrimento das pessoas é uma Igreja que se afastou muito dos evangelhos. Aqueles que são prioridade para Jesus, não podem ser uma segunda opção para a Igreja. Nos evangelhos, os pobres, os feridos, os pecadores e marginalizados são prioridade e são a maioria. Nenhuma ação pastoral será evangélica se não colocar como prioridade aqueles e aquelas que são prioridade para o Cristo. “Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo prudente distância das chagas do Senhor. Jesus, no entanto, quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros” (EG. 270).

O Deus cristão é um Deus que carrega feridas. Só um *Deus ferido* compreende as feridas da humanidade. “Ele é um Deus *sym-pathico*, isto é, Alguém que sente conosco, sofre conosco, partilha a nossa paixão” (HALÍK, 2020, p. 111). Só um Deus que passou pela noite escura da paixão, entende a paixão da humanidade. Um Deus *apático* não seria capaz de compreender o sofrimento humano. “Todas as feridas dolorosas e toda a miséria do mundo e da Humanidade são as feridas de Cristo. Só ao tocar essas feridas, de que o mundo está cheio, é que posso acreditar em Cristo e exclamar “Meu Senhor e Meu Deus!” (Jo 20, 28)” (HALÍK, 2020, p. 108).

Contemplar o sofrimento que assola tantos e tantas deve pelo menos nos indignar. Ninguém que contempla profundamente o sofrimento fica indiferente ao mesmo sofrimento. A compaixão não é somente o paradigma de uma nova eclesiologia, mas também é o paradigma de uma nova sociedade. Precisamos de uma pedagogia do olhar. “Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído nas margens da vida. Isso deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isso é dignidade” (FRANCISCO, 2020, p. 68).

Numa sociedade enferma e indiferente precisamos provocar uma globalização da compaixão e da solidariedade. O distanciamento social provocado por essa pandemia não pode ser um pretexto para uma fuga do sofrimento e da inércia diante da dor das pessoas. Que a única distância entre nós seja a distância de quem se afasta por se preocupar com o outro.

#### **4. A pandemia: tempo de jejum eucarístico**

Quais são os desafios pastorais impostos pela pandemia da covid-19? É sabido por todos nós que a pandemia também expôs nossas fragilidades pastorais e nos convidou a olhar para elas. Uma Igreja não é impermeável àquilo que afeta o mundo e a humanidade. A pandemia exigiu de nossas comunidades uma adaptação para a qual não estávamos preparados. De

repente tudo entrou em modo *stand by*. Nossas Igrejas e comunidades se viram impotentes diante dessa situação inesperada. O vazio passou a tomar conta de nossa vida eclesial. Rapidamente tudo se tornou *on-line*. O único recurso foram as mídias digitais. Missas transmitidas on-line povoaram o Facebook e o Instagram. Palavras até então desconhecidas como *Zoom*, *Hangout* e *Teams*, passaram a fazer parte de nossas liturgias e de nossas reuniões pastorais, substituindo nossas salas de catequese e transformando nossas igrejas em “templos virtuais”, onde as pessoas “se encontram” para rezar. Nossas celebrações passaram a depender da capacidade de conexão, e o verbo participar, tão importante para vida eclesial, deu ao lugar ao assistir. A vivência da fé também se tornou *Home*.

Todo tempo é um tempo de discernimento. Esse tempo pandêmico é tempo oportuno de revisão crítica para a Igreja e para a sua dinâmica pastoral. É um tempo mais do que nunca de conversão. Em que sentido, a pandemia é uma oportunidade para a Igreja? Quais são as perguntas que esse momento presente tem colocado para a Igreja? Ao longo do tempo, a Igreja sempre teve resposta pronta para tudo. O Papa Francisco diz que, “nunca se deve responder a perguntas que ninguém faz”. (EG, 155). O atual momento nos obriga a nos abirmos a novas perguntas e não a velhas respostas.

Na perspectiva proposta por Jesus, amar supõe encontrar com rostos, sobretudo, com os rostos sofridos. Não existe vivência eclesial e sobretudo Eucaristia sem o encontro com os diversos rostos. Nossa sociedade como nos recorda Han é uma sociedade “instagramável”, ou seja, é uma sociedade que usa filtros para camuflar as imperfeições e o sofrimento. Escodemos nossas feridas. Nossa pastoral nesse tempo pandêmico, corre o sério risco de ser uma pastoral com filtros, “instagramável”.

Segundo Tomás Halík:

O banquete não pode ser substituído por um banquete à distância. A eucaristia é a fonte vivificante da Igreja, enquanto comunidade, é um meio de comunicação não só com Deus, mas também com os outros: a celebração é um banquete em que a presença real de Cristo no sacramento está ligada à presença real (e não virtual) dos fiéis. É na Eucaristia que somos recebidos por Cristo e, ao mesmo tempo, recebemos os nossos irmãos e é por eles que recebemos o próprio Cristo (HALÍK, 2020, p.12).

Sacramento exige presença. Não é possível celebrar nenhum sacramento sem a presença do outro. É preciso estarmos atentos, pois senão a eucaristia cada vez mais se tornará alimento de alguns poucos. A comunhão eucarística supõe também a comunhão existencial e até mesmo ecológica. Contudo, vivemos um tempo de jejum eucarístico e como seria bom para a Igreja vivenciar esse momento de jejum. Infelizmente, percebemos o contrário, em vez de diminuirmos nossas celebrações

eucarísticas as aumentamos. Comungar da eucaristia é também comungar da vida, da dor, da luta e do luto da humanidade<sup>2</sup>.

Falamos tanto em “Igreja doméstica” que quando chega a oportunidade de sermos de fato uma igreja nas casas, fazemos justamente o contrário. Não seria o momento de priorizarmos a Comunhão da Palavra? Por que que a Comunhão Eucarística é mais importante que a Comunhão da Palavra? Ficou notório nessa pandemia que a Igreja não investiu adequadamente na formação que desperta para a Comunhão da Palavra. Ao invés de insistimos numa comunhão profunda da Palavra, e tal comunhão pode acontecer em nossas casas e em nossas mesas, ficamos focados numa “comunhão espiritual” da Eucaristia, que sejamos sinceros, não tem fundamento nenhum. Seria muito melhor insistir na Comunhão profunda da Palavra do que na Comunhão espiritual da Eucaristia. A Comunhão Eucarística só pode ser real e a nossa presença também tem que ser real. Além disso, a Comunhão da Palavra é para todos, já que até hoje a nossa Eucaristia ainda não é para todos. O “tomai todos”, ainda é para alguns pecadores, mas a Palavra é para todos. Quando realmente que a nossa Eucaristia será para todos?

Vivenciar esse tempo de jejum eucarístico imposto por essa pandemia, deveria despertar em nós outras fomes e sede existenciais. “Poucas coisas provocavam em mim tanta sede de Deus como as feridas abertas das dores da vida” (HALÍK, 2020, p.111). Fixemos o nosso olhar nos diversos rostos sofridos para que possamos entender a Eucaristia de nossos altares.

## **5. Um hospital de campanha: paradigma eclesial do tempo presente**

O Papa Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio*, diz que a Igreja é “perita em humanidade” (PP, 13). Uma igreja perita em humanidade é uma igreja acolhedora e sensível ao sofrimento da humanidade, que se coloca ao lado dos menos favorecidos e marginalizados. É uma Igreja disposta a cuidar. Colocar-se ao lado daqueles que menos contam na sociedade não é apenas uma opção para a Igreja e sim uma missão evangélica. A prioridade no ministério de Jesus sempre foram os feridos, os menos favorecidos, aqueles que a sociedade descartava. Cabe-nos perguntar: a Igreja, nesse tempo de banalização da vida, de descaso para com os pobres, ainda é uma Igreja “perita em humanidade”?

É muito oportuno para o atual momento o paradigma “hospital de campanha”, proposto pelo Papa Francisco na sua Exortação *Evangelii*

---

<sup>2</sup> Segundo Olga Consuelo Vélez: La situación de cuarentena que vivimos nos ha quitado la posibilidad de participar de la eucaristía “sacramental” pero no de la eucaristía “existencial” que, si entendemos el mensaje del reino, no significa que ahora veamos la misa por televisión o que partamos un pan en nuestras casas y hagamos muchas oraciones. La verdadera eucaristía existencial la 59 celebramos en este asumir las circunstancias que hoy vivimos y las hagamos un verdadero “partir el pan” (VÉLEZ, 2020, p. 58).

*Gaudium*. Uma igreja que se assemelha a um hospital é uma igreja disposta a curar os feridos e o mundo. Aquilo que a humanidade mais precisa hoje é de uma Igreja capaz de curar e consolar os corações.

O momento pandêmico nos impôs o distanciamento social como sabemos. Contudo, distanciamento social não pode provocar também um distanciamento eclesial. Segundo o Papa Francisco, “somos analfabetos em acompanhar, cuidar, sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas. Habitamo-nos a olhar para o outro lado, a passar à margem, a ignorar as situações” (FRANCISCO, 2020, p. 64). Não podemos justificar nosso distanciamento eclesial em cima do distanciamento social.

O paradigma proposto por Francisco, de uma Igreja como hospital de campanha, é o paradigma de uma igreja que se coloca ao lado da vida, que luta pela vida e escolhe a vida. Toda vida importa.

Uma igreja hospital é conseqüentemente uma igreja samaritana. Uma igreja samaritana é uma igreja que gasta o seu tempo em curar as feridas. “Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção nos deixa ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada” (FRANCISCO, 2020, p. 67).

A pandemia do novo coronavírus exige uma decisiva tomada de consciência em nossa caminhada pastoral. A grande prioridade pastoral deve ser sempre o cuidado com o mais fragilizado e o mais ferido. Ou nos colocamos ao lado dos feridos e dos que sofrem, ou nossas prioridades de ação pastoral não passam de palavras. Não é possível ser uma igreja samaritana, passando longe dos feridos.

A pastoral para ser verdadeiramente pastoral tem que mudar o nosso estilo de vida. Um novo jeito de fazer pastoral está ligado a um novo jeito de ser cristão. Não posso professar a fé no Deus da vida fazendo opções que promovam a morte. Pastoralmente, a pandemia tem modificado o que na vida da igreja? Iremos nos refugiar mais ainda em nossos altares e sacristias, ou teremos a coragem de nos colocar junto dos que estão sofrendo em nossa sociedade? A fé do apóstolo Tomé tornou-se autêntica quando ele teve a coragem de colocar o dedo nas chagas, nas feridas do Cristo.

Segundo Halík:

Depois de um tempo, deixamos de ser sensíveis ao sofrimento do outro, caso não nos afete pessoalmente. Uma das tentações mais perigosas do nosso tempo é a inércia e a indiferença provocada pelo excesso de informações. Um fenômeno repetido frequentemente perde o rosto humano aos olhos do público, cai na uniformidade anônima das estatísticas. Receio que isto aconteça também hoje, quando, há várias semanas, assistimos às notícias diárias sobre as

vítimas da pandemia. As pessoas e o seu destino transformam-se em números (HALÍK, 2020 p.100).

Em um mundo doente e ferido somente uma igreja que se configura como "hospital de campanha" tem condições de ser uma Igreja encarnada na contemporaneidade. Somente uma Igreja que interioriza o sofrimento do mundo e das pessoas será capaz também de curar.

### **Considerações finais**

Nesse momento difícil que afeta a toda a humanidade, a Igreja tem a oportunidade de revisar a sua prática pastoral e revelar às pessoas que sofrem os sinais da compaixão e da esperança divinas: anunciar que o Deus anunciado por Jesus é Deus-conosco (Emanuel), e que não é indiferente ao nosso sofrimento.

A pandemia tem trazido muito sofrimento para todos nós, mas é também uma oportunidade única para que a humanidade possa se desenvolver em seus valores mais nobres e que por vezes andam esquecidos: amor, compaixão, solidariedade. Não precisamos de nenhuma tragédia para que nos tornemos mais sensíveis à dor do próximo. Faz parte de nossa humanidade sermos solidários. Não podemos normalizar a indiferença que tem tomando conta da humanidade.

A igreja, como cooperadora do Deus da vida e orientada pelos valores do Evangelho, pode contribuir de forma significativa nesse cenário crítico que vivemos e no processo de retomada da vida pós-pandemia para a construção de um mundo mais humano e mais fraterno. Não há fé cristã que não passe por um compromisso social.

As mídias sociais têm sido uma ferramenta importante nesse tempo. Todavia, não é possível viver a fé cristã somente no virtual. É preciso o encontro com o outro, sobretudo, com aquele que sofre. É urgente assumirmos uma práxis pastoral em sintonia com esse novo cenário profundamente desafiador.

O futuro ainda é muito incerto. Alguns países já demonstram que conseguiram controlar a pandemia, fato esse ainda muito distante aqui no Brasil onde para muitos ainda é só uma "gripezinha". Nesse momento, diante de tantas vidas ceifadas e que poderiam ter sido evitadas em sua grande maioria, mais do que nunca precisamos de uma mensagem de esperança. Uma mensagem pascal. Precisamos ser uma humanidade que sonha com o despertar de uma nova civilização. Apesar do negacionismo, da desvalorização da vida e do sorriso sarcástico diante da dor e do sofrimento, é preciso sonhar e acreditar na vitória da vida. É preciso acreditar que por mais doloroso que seja o inverno, a primavera de novos tempos virá.

## Referências

- FORTE, Bruno. A fé no Deus de Jesus Cristo e a pandemia. In: In: AUGUSTIN, George; KASPER, Walter (org.). *Demolição e Reconstrução*. Tempo de crise gravado na nossa memória. Portugal: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?* São Paulo: Paulinas: 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Vida após a pandemia*. Portugal: Paulinas, Prior Velho, 2020.
- HALÍK, Tomáš. *O meu Deus é um Deus ferido.*, São Paulo: Paulinas, 2015.
- HALÍK, Tomáš. *O tempo das Igrejas vazias*. Portugal: Paulinas, Prior Velho, 2020.
- HALÍK, Tomáš. A pandemia como experiência ecumênica. In: AUGUSTIN, George; KASPER, Walter (org.). *Demolição e Reconstrução*. Tempo de crise gravado na nossa memória. Portugal: Paulinas, Prior Velho, 2020.
- HAN, Byng-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byng-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byng-Chul. *A emergência viral e o mundo de amanhã*. Disponível em: <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/A-emergencia-viral-e-o-mundo-de-amanha-Byung-Chul-Han.pdf> Acesso em: 10 jun. 2021.
- TAMAYO, Juan Luis. El principio-compasión. Disponível em: [Covid19-5.pdf - Google Drive](#) Acesso: 11 jun. 2021.
- VÉLEZ, Olga Consuelo. De la eucaristia sacramental a la eucaristia existencial. Disponível em: *Covid19-5.pdf - Google Drive* Acesso: 12 jun.2021.